

C. M. B.
BibliotecaC. M. B.
BIBLIOTECA

BOLETIM DE TRABALHADORES DA TEBE SOCIAL PARA TRABALHADORES

1750 12

Director Honorário: MÁRIO CAMPOS HENRIQUES

Redacção e Administração: Tipografia «Vitória»

Composto e Impresso na Tipografia «VITÓRIA» — BARCELOS

Editor: João Baptista Cândido da Silva

Director e Administrador: ANTÓNIO BAPTISTA

Redactores: Joaquim Rodrigues e Eduardo A. da Silva

O DIAGNÓSTICO DA PERSONALIDADE

Por LUÍS DE CARVALHO OLIVEIRA

O diagnóstico da personalidade deve ser feito segundo as reacções do observando. É fora de dúvida que a reacção significa em primeiro lugar um efeito e o que interessa normalmente é descobrir a causa, a motivação. Quando, em face de determinado efeito, o observador consegue descobrir o integral acordo dos actones, facilita-se-lhe a tarefa, porquanto não necessita de interpretar factos opostos, nem tão pouco reacções que se apresentem na sua raiz, no seu aspecto causal, dubitativas. Outro tanto não acontece, todavia, quando os actones não se apresentam integralmente de acordo, em perfeita harmonia e o facto pode surgir como produto de uma causa ou de outra. Torna-se então necessário saber em que medida cada um dos actones terá agido, terá actuado para a produção de determinado efeito.

Como diz Henry Murray, o psicólogo deve descobrir a necessidade, o desejo, a intenção ou a direcção do esforço no interior do próprio sujeito. Todos os estudos — excepto os mais superficiais — da personalidade se interessam pela motivação. O psicólogo deve descobrir qual a motivação predominante na produção do evento.

Nos factos conscientes, desde a sua motivação à sua produção, é fácil, ao psicólogo, fazer a interpretação da personalidade. Outro tanto não acontece com muitos dos actos humanos, pelo que o sujeito não é capaz de a determinar e de descobrir em si próprio, para a declarar ao observador.

Acontece muitas vezes ainda que um facto se apresenta derivado de uma intenção, mas se o psicólogo for examinar a relação, intenção-efeito, ficará logrado no seu estudo.

Há que descobrir, em tudo quanto pertence ao sujeito ou ao meio a influência possivelmente geradora da intenção. É muito importante o estudo para além desta, mas deve ter-se o maior cuidado em não o deixar cair no domínio das meras hipóteses ou nas interpretações intuitivas.

O método intuitivo baseia-se em que as pessoas se apercebem do seu semelhante, da sua capacidade, da sua possibilidade, da motivação das suas reacções, através de uma pré-percepção que todos os indivíduos possuem. Esta percepção não pode constituir método, nem meio de conhecer a personalidade; seria, quando muito, uma espécie de noção ligeira, superficial, uma espécie de sentimento de que o próximo seja bom ou mau, cruel ou humano, sentimento de ordem pessoal que não pode arvorar-se em método de conhecer. Além de não ser forma concreta, objectiva, tem ainda o inconveniente de estar sujeito à simpatia ou antipatia do observador. A simpatia deriva, muitas vezes, não apenas do próprio observado, das atitudes que ele toma, mas ainda do estado de espírito do observador que em determinados momentos pode sentir maior afabilidade pelo próximo, se não está dominado por uma crise de irritabilidade, mas outro tanto não acontecerá se o estiver. A desconfiança, o estado de espírito do desconfiado, pode conduzir a um erro e não é difícil que o observador, nesse estado de espírito,

(Continua na página 2)

Cantares e Bailados do Minho

VAI publicar-se nas colunas deste «Boletim» uma nova série de artigos de divulgação etno-folclórica que está reservada, por certo, incontestável simpatia dado o carinho dispensado à recolha dos necessários elementos informativos e ao cuidado posto na escolha das peças que constituem o delicado trabalho.

Trata-se, na verdade, dum estudo aturado, metucioso e sério que se tornou realização merecedora duma tenacidade notável a que não são alheias as dificuldades com que houve de topar-se na escrupulosa classificação e recolha de informações.

Numa hora em que, lamentavelmente, se não atende ao interesse que vêm merecendo às instâncias superiores, as questões de regionalismo puro e se confunde o que é agradável à vista, ameno, gracioso e «bonitinho», com tanta manifestação plena de verdadeiro tradicionalismo que o nosso povo, mórmente no Norte, conserva com uma quase religiosidade digna do respeito dos estudiosos, a divulgação de quanto possa esclarecer e elucidar para que se distinga o trigo do joio impõe-se como um dever.

Nesta série de artigos vai desfiar-se um rosário apreciável daquelas produções poéticas de sabor popular que fazem o encanto das canções do Minho e a delícia espiritual de quantos nos visitam, vindos das mais distantes terras, correndo o mundo e enriquecendo os seus conhecimentos sobre usos e costumes, tradições e crenças

dos mais variados povos e regiões.

Desde a quadra mimosa que ilustra um *vira rodeiro*, até à estranha tecitura do risonho improvisado dum despique de *desafio*, fornecidas pela memória de alguns, colecionadas por noites quentes de arraial entre as cantigas de *rusga* ou gentilmente cedidas por devotados investigadores, tudo constituirá o cortejo de rara formosura que no próximo número deste «Boletim» vai abrir o seu caminho.

Falta, é certo, a este trabalho, a frase maravilhosa que caracterizou um Ramalho Ortigão, e até, ao autor, aquela autoridade que informa os estudos dum Leite de Vasconcelos, mas não se permitirá a inclusão nele de qualquer informação duvidosa ou da mais pequena referência que não seja devidamente documentada com a verdade da sua origem, bebida no testemunho das fontes autorizadas.

O mesmo sucedeu com a descrição dos trajos e a cuidada averiguação das regiões a que respeitam esta ou aquela saia, um ou outro lenço.

E o que vai narrar-se, sem preocupações literárias nem ambições de qualquer espécie, apenas tem o valor da VERDADE, o fundo de seriedade que deve pôr-se em produções deste género, deixando o autor a compensação de haver servido os interesses deste rincão de maravilha que é o Minho.

E tanto lhe basta porque também a mais não aspira.

RoFi

Pensamentos do mês

O receio de parecer ridículo é o melhor guia na vida, e salva-nos de toda a espécie de dificuldade. — Beaconsfield.

A razão é a primeira autoridade, e a autoridade é a última razão — Bonald.

SEM FAMA O DIAGNÓSTICO DA PERSONALIDADE

SEIS horas da tarde, não de uma tarde qualquer, mas da de um lindo dia de verão.

Encontrava-me sem ter que fazer e resolvi dirigir-me para a densa multidão que àquela hora passeava na longa avenida.

Uns, abstractos, contentavam-se em gozar o ar fresco que se fazia sentir depois da calmaria de todo um dia sufocante, outros, ensimesmados, procurando a solução de algum problema metódicamente colocado nas suas mentes, outros ainda que vinham trazer as esposas ou filhos a dar uma volta tal como o fariam com os seus caniches, se o nível de vida permitisse tais luxos. Aqui ou além, mãos entrelaçadas, olhos nos olhos, algum enfermiço estudante com a namorada, de quando em quando também se vislumbra um bronco magala mais a sopeira de formas arredondadas e curvas bem visíveis.

Eu, um ser mais entre a compacta multidão, sem pensamentos elevados ou preocupações sérias, resolvi analisar tão somente os membros inferiores dos meus companheiros transeuntes. Pensamento esquisito, não é? Concordo plenamente, mas hoje em dia só com o que sai fora da vulgaridade se consegue singrar na vida e eu sentia-me predestinada a descobrir qualquer coisa que ficasse nos anais de uma história, fosse ela qual fosse, o importante seria a auréola de fama, a celebridade que eu sentia prestes a tocar-me, ao alcance da minha mão.

Fala-se muito na mímica expressiva revelada por umas mãos, bem ou mal feitas, nervosas ou calmas, talvez porque ainda ninguém se preocupou em descer a sua observação até aos pés e forma de caminhar do nosso semelhante.

Como um breve instante se torna às vezes de uma capital importância na vida de um mortal. E eu, naqueles breves minutos, tinha encontrado qualquer coisa de valor, tinha sido a escolhida para essa descoberta. Restava-me somente aproveitar e dar largueza ao raciocínio. Deus meu, que momento mais feliz!...

Continuando na minha observação reparei em sapatos novos, outros deformados pelo muito uso, alguns apresentando em relevo deformidades que eles mesmos haviam causado. Mas, os sapatos são afinal um simples acessório dos pés que os calça, e, como a estes não me era possível vê-los, senti a inspiração fugir-me quando com mão de afogado agarrei um desvio da

ideia primitiva. Sim! O importante não eram os pés, mas os passos. Eram estas as ratoeiras postas para os incautos, mas eu fugira, escapara-me delas. A Fama era para mim. Era eu o seu dono.

Havia transeuntes apressados, animados de uma velocidade desusada, outros pareciam precisar de um guindaste para anteporem pé ao pé, uns certos, por entre estes, passeavam calmamente usufruindo o prazer de cada passada, por fim uns de passadas irregulares. Qual seria a relação existente entre a forma de caminhar e a sua vida?

Na realidade era interessante observar como toda aquela gente reunida ali com o único fim de percorrer a avenida de um lado ao outro, o fazia de forma tão diversa. Mas eu precisava de mais, muito mais para atingir a tal Meta.

Que representaria aquele andar precipitado?

...Ora, a ânsia de gozar a vida em toda a sua plenitude, o receio de o tempo não chegar para gozar o máximo que seja possível.

Não hesitei em pensar que tinha conseguido já qualquer coisa, mas, o meu outro "Eu" muito teimoso e aborrecido que tem prazer em me contrariar, que procura sempre fazer-me ver o lado contrário das coisas, que me chaga constantemente, veio mais uma vez lembrar-me a sua existência.

Porque não seriam antes pessoas que apesar de uma vida calma sem deslizos se sentissem naquele dia particularmente inquietos com os seus problemas, obrigadas por isso àquele «vai e vem» apressado para assim se libertarem mais depressa das suas preocupações?

Ai sim!, digo eu, e os que passeiam com um ar comedido como que numa continuação de uma vida de completa lisura moral e íntima satisfação? Também para esses haveria dúvidas?

Mas porque não? retorque o meu outro Eu. Não se trataria antes de pessoas tão enfatiadas de prazeres que acidentalmente por tédio se resolvessem a dar um passeio com um ar de composta santidade como o faria um piedoso monge?

Ora, argumento eu, que dizes tu dos que são tão lentos no andar que forçosamente o tem de ser na sua vida? Daqueles que não conseguem tomar uma iniciativa porque só pensar os fatiga?

E porque não dizes antes que por um excessivo desgaste de energias no seu trabalho

(Continuação da página 1)

encontre qualquer facto anterior à observação que possa ter-lho causado. Assim o diagnóstico da personalidade seria sujeito a muitos erros, conforme o observador e o observado; conforme a maneira como se apresenta, a maneira como age, sem que, todavia, essa seja uma forma normal e permanente de manifestação da sua maneira de ser.

Por esse caminho estaríamos novamente caídos nas interpretações subjectivas da psicologia clássica. Avaliar a personalidade por intuição é aproximadamente o mesmo que avaliar outrem pela comparação consigo próprio.

Pierre Naville diz que apreciar a personalidade segundo um método intuitivo é, pouco mais ou menos, julgar o vizinho à primeira vista, sem ter em conta que esta prontidão, esta infabilidade que cada um pretende ter quando julga o seu semelhante, é geralmente o produto de reacções emocionais, as mais anárquicas, tais como a aversão e simpatia. É verdade, diz o mesmo autor, que a vida corrente nos obriga muitas vezes a avaliar rapidamente a pessoa dos outros, mas deve verificar-se que essa avaliação, esse diagnóstico, esse julgamento, tem de apoiar-se principalmente em critérios objectivos e em exames tão prolongados quanto possível. Diz ainda a pág. 223 de "Psicologia, Ciência do Comportamento", "O condutista não recomenda o processo instantâneo para reconhecer o comportamento ou a constituição psicológica dos indivíduos. Contenta-se em registar os critérios que servem para classificar e orientar na vida real e ajudar a sua utilização, cada vez mais ampla. Terão de ser aplicados métodos que utilizarão o estudo de conjunto da actividade do indivíduo, biografia, exame médico, carreira escolar, testes psicológicos, forma da utilização dos seus recreios e distrações, o estudo da constituição emocional, nas situações práticas, compreendendo-se aí o meio familiar. Estas diferentes maneiras de organizar o estudo da personalidade estão longe de esgotar a questão. Neste domínio, estamos ainda no princípio. Além de saber, é preciso saber observar. Um behaviourista deve saber observar e deve ser dotado de bom senso.

O estudo da actividade geral deve ser precedido de um exame médico, mas neste não abusar das disposições ou das predisposições hereditárias. Então dispor-se-á de dados importantes sobre as possibilidades do observado. A biografia é a história das adaptações do indivíduo, primeiro que tudo, no domínio profissional. O sucesso profissional não é uma garantia de adaptação satisfatória, mas é uma indicação de grande valor estatístico. O bom resultado profissional não significa, de resto, forçosamente um bom resultado financeiro porque fora das aptidões e qualidades, no estado actual das coisas, existem leis económicas que desempenham também o seu papel de selecção, muitas vezes em contradição com as aptidões importantes. A boa adaptação escolar prova, de resto, muito e em primeiro lugar, em favor dos hábitos e métodos de trabalho e muito mais a favor destes do que da inteligência. A escola é um meio indispensável de desenvolvimento numa sociedade moderna, é um lugar onde a criança perde os seus costumes, os seus hábitos do ninho materno, onde se torna sociável, onde aprende a controlar-se, a regular a sua actividade, a cultivar-se, a fazer diferentes coisas e a desenvolver os seus hábitos de linguagem. Pode mesmo aprender aí a criticar e a respeitar as opiniões e algumas vezes a pensar e a inventar. É evidente que os hábitos e os conhecimentos escolares não persistem toda a vida. A maior parte desaparecerá, mas os conhecimentos não são tudo. Através de 5 ou 10 anos de estudo, a criança mostrou mais ou menos actividade, a continuidade do

diário se sentissem momentaneamente esgotados?

Seja embora, concordo eu, mas os de andar irregular não será porque são indecisos sem saberem de onde vem ou para onde deverão ir?

E se os sapatos lhe magoam, obrigando-os àquele andar saltitante?

Está certo, venceste-me hoje! Por tua causa não atingi a Fama, por tua causa caí num ciclo vicioso no qual me perco, por tua causa caí da altura em

que me colocara, mas também por tua causa eu sinto-me mais forte e pronta a nova refrega.

Entretanto os transeuntes haviam dispersado.

Assim quedei-me sòzinha ante a minha incompetência para interpretar a linguagem das mãos ou dos pés, sòzinha com os meus pensamentos, sòzinha com a minha desilusão, sòzinha com os meus passos.

...Sem Fama.

Teresa Roriz

esforço e uma certa capacidade de trabalho — aquisições de importância capital para o resto da vida. É claro que, por vezes, excepções se apresentam. A frequência escolar não é um sinal de superioridade na sociedade moderna, mas o estudo seguido, uma aprendizagem controlada sob uma certa forma, com uma certa duração, é uma condição absoluta e indispensável para qualquer bom resultado profissional ».

« Os testes psicológicos são também um meio, que se tornou clássico, do estudo da personalidade, mas nem sempre dele se fez bom uso, porque, por exemplo, nos Estados Unidos, têm-se servido dos testes para expurgar da sua actividade os que não a exercem em condições lucrativas, para que os seus salários se tornem suficientemente interessantes para as entidades patronais. Desta forma foram utilizados para lançar na rejeição aqueles que não poderiam trabalhar de uma forma tão intensa. É o caso, por exemplo, do Taylorismo em que se via, principalmente, não a questão de capacidade ou de aptidão, mas sim o benefício do patrão ».

« Pouco a pouco, outros psicólogos acabaram por compreender que o trabalho humano correspondia também, conforme determinadas leis, a uma certa economia de actividade social. Por outro lado o estudo das crianças, dos atrasados, trouxe novos recursos ao estudo e aplicação dos testes. Dos testes de nível passou-se aos de aptidão, dos testes verbais aos escritos, aos manuais. A estatística interveio, por sua vez, para apreciar as classificações efectuadas, as escalas estabelecidas, os dados recolhidos e as suas correlações simples ou múltiplas. Quanto mais simples e limitadas são as aptidões ou sistemas de hábitos que se desejam controlar, mais os resultados dos testes são probatórios ».

« Quando a aferição e a escolha das provas são bem feitas, podem obter-se resultados úteis nas provas de memória ou atenção, como quem diz, de aptidão para tais ou tais formas da concentração e da retenção dos hábitos ».

« Muitos testes são hoje utilizados para a orientação profissional, para as especializações profissionais escolares; o seu fim não é, em geral, um estudo de personalidade, mas contribuem útilmente para que este possa ser feito, para que possam, rapidamente, apreciar-se as aptidões de um homem, o seu nível de instrução, as suas possibilidades sensoriais, os seus hábitos motrizes e manuais ».

Os resultados são, por vezes, mais duvidosos quando se pretende distinguir a correlação entre os resultados dos diversos testes, certas faculdades gerais, denominadas neste caso por factores. Os testes não revelam, de resto, senão a aptidão para se realizarem tais ou tais actos num dado momento, entrando com um factor de erro determinado, mas pode dizer-se que a simples aptidão para fazer qualquer coisa nos revela hábitos de trabalho sistemático? Não parece.

Os hábitos de trabalho, a perseverança, boa vontade, o ritmo, a atenção, o gosto por esse mesmo trabalho, dependem de factores mais gerais do comportamento do indivíduo e far-se-ão examinar por outros métodos, por uma apreciação directa da sua biografia. A utilização do tempo livre é também um elemento importante de apreciação.

Tudo isto nos informa do comportamento emocional do indivíduo, nas condições práticas. Muitas pessoas, com efeito, dispõem de hábitos manuais e verbais excelentes e conseguem profissionalmente óptimos resultados sendo todavia grosseiros, mesquinhos, avaros, invejosos ou caprichosos. Em muitos indivíduos esses traços bastam para aniquilar uma forte educação e uma perseverança meritória. As pessoas que têm em geral uma vida emocional infeliz, são emocionalmente deficientes. A perturbação pode ser episódica, mas também pode ser durável e tomar carácter dum hábito.

Nenhum teste revelará estes aspectos discordantes, aos quais se não preste bastante atenção. Admite-se que só a experiência, a prática do trabalho comum, revele o tom emocional de um indivíduo e ainda nem sempre. A hipocrisia, a vaidade, a lisonja, passam através das malhas.

Sómente um estudo cuidadoso da biografia, do meio familiar e do meio sexual, podem colocar-nos em posição de as descobrir. Talvez um período de aprendizagem mais longo, com quadros apropriados, permitisse aos observadores conhecer melhor os indivíduos sob estes aspectos e muitas vezes moderá-los. Isto faz-nos compreender bastante todos os perigos que surgem na apreciação, à primeira vista, da personalidade, apesar de tudo quanto se diga em favor das apreciações de que gozam sempre os maneirados de homens que têm vista infalível.

Isto diz Pierre Naville no seu citado livro de que extraímos estes parágrafos e traduz, de uma maneira geral, a opinião dos psicólogos do comportamento.

Como já atrás dissemos, a escola de Harvard preocupa-se bastante com o subjectivismo e dá demasiado as mãos às teorias de Freud, mas não despreza as conclusões atingidas pelos métodos de orientação Watsoniana. Usa um método misto ou segue, pelo menos, uma teoria eclética sobre a personalidade humana. Daí a diversidade de conceitos em que se baseia e donde parte para o seu estudo. Todavia, quanto ao julgamento dessa personalidade, parece tender bastante para a concretização e objectividade.

PLANO DE FORMAÇÃO SOCIAL E CORPORATIVA

Comissão Distrital de Braga Noticiário

A Casa dos Pobres de Ronfe, prestantíssima instituição de beneficência fundada e dirigida pela CASA DO POVO DE RONFE, tem desempenhado notável acção no fornecimento de refeições e de outros benefícios aos pobres, às crianças e aos desempregados das freguesias de Ronfe, Vermil, S. João e Santa Maria de Airão, todas do concelho de Guimarães e da área daquele organismo corporativo.

No ano de 1958 o movimento da Casa dos Pobres de Ronfe foi o seguinte:

Refeições fornecidas aos pobres de Ronfe

Sopas	14.391
Pratos	8.927
Rações de pão	14.390
Copos de vinho	1.645
Litros de leite	360
Açúcar — quilos	36

Pobres de passagem, de outras freguesias, a quem foram fornecidas refeições

Sopas	3.148
Pratos	2.562

Refeições fornecidas por esta Casa dos Pobres na sua sucursal de S. João de Airão aos pobres dessa freguesia e aos de Santa Maria de Airão

Sopas	4.280
Pratos	852
Rações de pão	5.130
Copos de vinho	87

RESUMO:

Aos pobres de Ronfe	39.749
" " de passagem	5.710
" " de S. João e St.ª Maria de Airão	10.349

Distribuição às crianças da freguesia de Ronfe por esta Casa dos Pobres com géneros fornecidos pelas CARITAS em combinação com a Conferência de S. Vicente de Paulo

Malgas de leite	32.750
Pães	32.750
Rações de queijo	32.750

Os pagamentos às CARITAS pelos fornecimentos dos géneros, o transporte, despesas de confeccionar, preparar, cozinhar e distribuir, constituem encargo exclusivo desta Casa dos Pobres.

Em comemoração das Bodas de Prata da Casa do Povo, foi melhorado o almoço nesse dia, 28 de Março de 1959, a 70 pobres de Ronfe e a 30 de Santa Maria e de S. João de Airão e oferecido um foliar a 1.400 crianças das 8 freguesias onde este organismo exerce a sua acção.

AS MALHAS TEBE

CAMINHAM POR TODAS
AS RUAS DE PORTUGAL

Columbofilia

Por FERNANDO

História do Pombo Correio

(Extraída da «Revista Pombos Correios»,
de M. Leão Maia)

(Continuação do número anterior)

O Pombo Correio na primeira Grande Guerra

(1914-1918)

AINDA na guerra de 1914-18, para que melhor se possa avaliar o que se pensava destas aves, eis a referência número 743 S. R. estabelecida em 13 de Agosto de 1916 pelo Exército de Verdun, do comando do general Petain:

«A experiência prova que:

1.º — As ligações telefônicas são sempre interrompidas na zona de ataque;

2.º — As informações transmitidas por estafetas chegam com grandes atrasos devido ao estado do terreno e à violência das baragens;

3.º — Os sinais ópticos, obscurecidos pelo fumo e poeiras, são muitas vezes ineficazes;

4.º — As observações aéreas, nas numerosas circunstâncias desfavoráveis devidas ao mau tempo ou à distância dos objectivos, não chegam a informar o Comando duma maneira suficientemente precisa sobre o decorrer do combate.

Somente os pombos correios actuam regularmente em todas as circunstâncias e, apesar dos bombardeamentos, da poeira, do fumo e do nevoeiro, trazem, num espaço de tempo relativamente curto, informes precisos acerca da situação das tropas. Desde o início da batalha de Verdun, os serviços de ligação por pombos correios têm sido de inapreciáveis préstimos; reúne todos os desejos do alto comando e dos oficiais, devendo empregar-se todos os esforços para a generalização».

Depois disto, que mais será preciso?

Após a grande guerra, o pombo correio continuou a ser utilizado com fins militares, não deslustrando nunca os méritos que grangeou. Será sempre útil, e mesmo mais: indispensável!

O comandante Raynal, muito depois, já no ano de 1930, se dirigiu nos jornais aos columbófilos franceses, pedindo-lhes para darem pombos correios, muitos pombos correios à França pois, por muitos que haja, nunca serão demais sempre que se dê o caso de nova guerra.

Que a sua existência, além da vantagem de proporcionar ao amador, em tempo de paz, um desporto interessantíssimo, tem a de ser um preciosíssimo auxiliar militar em tempo de guerra, está, de sobejo, comprovado. Os paí-

ses que já lhe sentiram o efeito têm uma legislação muito completa para o pombo correio.

A título de curiosidade reproduzimos, a seguir, a lei francesa de 18 de Fevereiro de 1927, sobre os pombos correios:

Art. 1.º — Qualquer pessoa de nacionalidade francesa que deseje montar um pombal de pombos correios, recebe a título permanente ou transitória, expedir, transmitir ou vender aves desta espécie, deve munir-se previamente da autorização do Perfeito do seu departamento.

Art. 2.º — É interdito, aos estrangeiros de qualquer nacionalidade, criar e manter em França pombais de pombos correios, assim como enviar ou receber aves desta espécie sem estar especialmente autorizado pelo Ministro do Interior; neste caso devem obrigatoriamente pertencer a uma Sociedade filiada na Federação Columbófila reconhecida pelo Estado.

Art. 3.º — Todos aqueles que recebam pombos correios a título permanente ou transitório, devem fazer a declaração respectiva no prazo de dois dias.

Art. 4.º — Toda a transmissão de pombos correios, quer por compra, venda, doação ou herança, assim como todas as entradas ou saídas num pombal por nascimento, morte, destruição ou perda, devem ser registadas pelo columbófilo ou comerciante autorizado, num boletim que estará sempre à disposição da autoridade administrativa.

Art. 5.º — Anualmente, em data fixada pelo Ministro do Interior, será feito, pelas Câmaras Municipais, o recenseamento dos pombos correios de todas as comunas de França.

Art. 6.º — Todo o pombo correio vivendo em França ou circulando em território francês, deve ser portador duma anilha fechada e sem soldadura, que permita a sua identificação.

Art. 7.º — Os pombais mistos, tendo pombos correios juntamente com as raças comuns ou de fantasia, são proibidos. Os criadores que tenham pombos das duas espécies deverão mantê-los em pombais separados e sem comunicação entre si.

Art. 8.º — Todo o contraventor dos artigos 2, 3, 4, 6 e 7 da presente lei, será punido com a multa de 50 a 500 francos.

Art. 9.º — Em substituição do art. 6.º da lei de 4 de Abril de 1899, os pombais de pombos correios podem manter-se abertos durante o período anual de encerramento obrigatório dos pombais.

Art. 10.º — Para protecção da espécie dos pombos correios e com o fim de interesse público,

QUARENTA ANOS DEPOIS

AOS MEUS CONDÍSCIPULOS

Quarenta anos? Será verdade, então,
Que quanto vemos nós, nos fala de saudade?
Chorámos, ao deixar esta nobre cidade,
Dando-lhe, para sempre, o nosso coração.

Quarenta anos? Talvez. Mas não há ilusão,
Que possa encontrar, gente da nossa idade?
E nos dê a alegria e a consolação,
De frequentar, de novo, nova Faculdade?

Quarenta anos? Talvez. Já fomos Estudantes,
Alegres e contentes — assim éramos dantes —
Na vida sem igual, de tempos tão felizes...

Quarenta anos? É certo. O processo está findo,
E de todo este feito, só resta um sonho lindo:
Doutos Advogados, Meritíssimos Juizes.

No mês de Junho de 1953.

Domingos de Figueiredo

é proibido utilizar estas aves para o tiro aos pombos. Toda a pessoa que, conscientemente, compre ou venda, tente comprar ou vender pombos correios com este fim, será punida com a multa de 50 a 500 francos

Art. 11.º — Será punido com a multa de 200 a 2000 francos todo aquele que tenha fraudulentamente dissimulado ou tentado dissimular a existir, a detenção ou a origem de propriedade de pombos correios, quer por declaração ou inscrições falsas ou incompletas, quer por supressão, substituição ou falsificação de anilha, quer por outro qualquer meio. Será punido com a mesma multa toda a pessoa que, estando encarregada da distribuição de anilha oficiais, tenha cedido conscientemente uma ou mais anilhas a quem não esteja autorizado a recebê-las. Os pombos correios encontrados sem a anilha oficial, serão imediatamente mortos pela autoridade. Será punido com multa de 500 a 5000 francos e com prisão de 3 meses a 5 anos todo aquele que utilize pombos correios em serviços prejudiciais à segurança do Estado.

Art. 12.º — Todo aquele que por qualquer meio e em qualquer época tenha capturado ou morto, ou tentado capturar ou matar pombos correios que lhe não pertençam, está incurso nas penas do art. 401 do Código Penal. Todavia para aplicação deste artigo, nenhuma perseguição poderá ser exercida contra quem tenha morto um pombo correio que esteja ocasionando prejuízos em propriedades suas, com a condição de se provar que não tenha podido reconhecer a espécie do pombo.

Art. 13.º — O governo fixará por decreto, as condições dos treinos e largadas de pombos correios franceses, bem como a entrada, treinos e largadas de pombos correios estrangeiros, as condições de transportes, distribuição

de anilhas e demais pertences, o modo de organização da columbofilia civil e a forma de colaboração a estabelecer entre ela e o Estado.

Art. 14.º — Esta lei é também aplicável à Argélia.

Como se pode verificar pela leitura desta lei, o pombo correio é, em França, alvo duma protecção bastante grande que, se o não põe por completo a coberto dos ataques dos seus inimigos humanos, pelo menos os coloca numas condições de defesa apreciáveis. E não é só em França que assim sucede.

As associações columbófilas francesas estão agrupadas em Federações, sendo uma Federação por cada região militar. E, se é certo que é do Ministério da Guerra que recebem as instruções para a realização dos treinos e concursos, não é menos verdade que daí lhes vêm, também, subsídios para a sua efectivação, especialmente para os concursos a grande distância, cujas despesas são sempre elevadas. A quotização e as taxas de inscrição seriam suficientes para tal.

Os pombos correios franceses são mobilizáveis em tempo de guerra e incorporados nos efectivos do exército e da Marinha — e são, podemos afirmá-lo, uns soldados disciplinados, cumpridores dos seus deveres, que estão sempre prontos a marchar, ou melhor, a voar bastando para que estejam sempre alegres e bem dispostos, um punhadito de ervilhaca ou favinha e um bebedouro cheio de água fresca.

(Continua no próximo número)

As malhas **TEBE**,
símbolo do bom gosto e
perfeição, são e serão as
malhas de todos.

Secção Desportiva

TAÇA DE HONRA DO MINHO

Vitórias da TEBE e Vianense sobre o Oquei C. de Barcelos e o Taipas

Excelente empate alcançado pelo Vitória de Barcelinhos frente ao Académico B. de Braga

COM a primeira jornada da Taça de Honra, no passado dia 13, principiou oficialmente o oquei em patins no Minho.

Durante cerca de dois meses, os aficionados da modalidade, viverão as incertezas do desfecho final, incertezas que são afinal a verdadeira razão do incremento da modalidade.

Ver-se-á novamente (como gostaríamos de ver o mesmo em todos os recintos desportivos e em todas as modalidades), depois de 40 minutos de luta, muitas vezes nem sempre dentro de correcção, os abraços de felicitação entre os intervenientes. Sim, no oquei em patins da nossa região, é agradável verificar, que para além de um triunfo, os atletas tem a noção de que desporto não é o mesmo que balta.

Não. Não se podia exigir mais às equipas, apesar da mediocridade técnica patenteada pela maioria das equipas. Aliás, outra coisa não seria de esperar, se atentar-se que era o primeiro desafio de competição de uma modalidade que dadas as exguas fontes de receitas, não se pode dar ao luxo de organizar torneios preparatórios.

Por tal, não se pode estranhar, as deficiências apresentadas pelas equipas, deficiências que com o decorrer do torneio em curso, cremos serão eliminadas.

Bateu-se animadamente o Taipas, frente a um Vianense longe do seu melhor. É certo que a equipa de Viana venceu, mas não com a facilidade que o resultado (4-0) parece querer mostrar. Para o êxito do Vianense, muito contribuiu o seu excelente guarda-redes.

Poucas possibilidades de êxito, até pela equipa que apresentou, tinha o V. de Barcelinhos perante um Académico que se não desiludiu, também não convenceu. Para o meio êxito (2-2) da equipa de além Cávado conceda a toada lenta imposta pelos estudantes de Braga; quando no final os académicos imprimiram mais velocidade, o Vitória viu-se em apuros. A reacção do ABC, foi porém tardia, e o empate premiou a equipa que mais lutou.

OQUEI-TEBE! Jogo que se, anteriormente nunca se poderia dizer quem seria o vencedor, desta vez o vencedor estava antecipadamente encontrado.

A questão, ou antes, a dúvida era o resultado.

Que ripostaram bem os "oquistas" e até a parecer quererem demonstrar que não há vencedor antecipado, di-lo o resultado com que terminou o primeiro tempo (1-0). Faltou mesmo neste período à equipa de Miranda o aliciante de um golo, que talvez mudasse o desfecho da partida. Porém como tal se não verificou, ao fim e ao cabo a TEBE acabou por impôr-se, superioridade esta, vinculada pela melhor estrutura da equipa que possui nas suas fileiras nomes como os de Carvalho, Cunha Gonçalves e Queirós, precisamente do melhor que temos no Minho. Não fôra a tenaz resistência oferecida por Arantes (que magnífica exibição!) e a derrota (6-2) teria sido mais pronunciada.

Se as duas primeiras partidas decorreram com certa monotonia, contribuiu em parte os árbitros que as dirigiram. As constantes interrupções, com manifesto prejuízo para o espectáculo, nem sempre se justificavam dadas as circunstâncias que as motivaram, até porque não houve problemas disciplinares a resolver, e por conseguinte necessidade de repressão. Neste aspecto, há a salientar o trabalho de Mário Vaz: que, num jogo que se afigurava quesilento, soube impôr-se; sóbrio mas enérgico, apenas interrompeu o jogo quando os acontecimentos assim o impunham.

A L A C

CARVALHO

retomou a actividade!

Causou naturalmente estranheza o facto do magnífico atleta do C. D. da Tebe, ter alinhado depois de ter declarado que abandonava a actividade.

Submetido uma vez mais a exame médico, a razão principal do abandono era a falta de saúde para a prática da modalidade, o Centro de Medicina Desportiva, deu-o como apto para a prática desportiva e daí o seu aparecimento na equipa.

JONE & TONE

Taça de Honra do Minho—1959

(SÉNIORES)

Calendário

III JORNADA

Quarta feira, 20 de Maio

Oquei Clube de Barcelos — Sport Clube Vianense
Académico Basket Clube — Turismo Hoquei Clube
Famalicense Atlético Clube — Vitória S. Clube de Barcelinhos

IV JORNADA

Sábado, 23 de Maio

Sport Clube Vianense — Famalicense Atlético Clube
Turismo Hoquei Clube — Oquei Clube de Barcelos
Vitória S. Clube de Barcelinhos — Clube Desportivo da Tebe

V JORNADA

Quarta feira, 27 de Maio

Famalicense Atlético Clube — Turismo Hoquei Clube
Oquei Clube de Barcelos — Académico Basket Clube
Clube Desportivo da Tebe — Sport Clube Vianense

VI JORNADA

Sábado, 30 de Maio

Vitória S. Clube de Barcelinhos — Turismo Hoquei Clube
Famalicense Atlético Clube — Oquei Clube de Barcelos
Clube Desportivo da Tebe — Académico Basket Clube

VII JORNADA

Quarta feira, 3 de Junho

Sport Clube Vianense — Vitória S. Clube de Barcelinhos
Famalicense Atlético Clube — Académico Basket Clube
Turismo Hoquei Clube — Clube Desportivo da Tebe

NOTA — Cada jornada terá início às 21 horas.

Columbofilia

Damos neste número a classificação dos concursos de Entroncamento, Santarém I e Vila Franca de Xira, até ao 10.º classificado, assim como o 1.º e 2.º classificados da Classificação Geral.

Entroncamento

1.º — António F. Pereira	30 Pontos
2.º — António Q. Santos	29 »
3.º — Francisco C. Pereira	28 »
4.º — " " "	27 »
5.º — Manuel Miranda	26 »
6.º — Manuel C. da Silva	25 »
7.º — José Alves Leite	24 »
8.º — " " "	23 »
9.º — António F. Pereira	22 »
10.º — José Alves Leite	21 »

Santarém I

1.º — Armindo T. Matos	30 Pontos
2.º — António A. Ferreira	29 »
3.º — José C. Ramião	28 »
4.º — Manuel C. da Silva	27 »
5.º — José C. Ramião	26 »
6.º — Manuel P. Miranda	25 »
7.º — Armindo T. Matos	24 »
8.º — António A. Ferreira	23 »
9.º — Armindo T. Matos	22 »
10.º — António F. Pereira	21 »

Vila Franca de Xira

1.º — Manuel P. Miranda	30 Pontos
2.º — Armindo T. Matos	29 »
3.º — José C. Ramião	28 »
4.º — Manuel C. da Silva	27 »
5.º — Francisco C. Pereira	26 »
6.º — Manuel O. Martins	25 »
7.º — José A. M. Simões	24 »
8.º — Manuel P. Miranda	23 »
9.º — Hernâni Santos	22 »
10.º — José A. M. Simões	21 »

Classificação geral

1.º — Manuel P. Miranda	350 Pontos
2.º — Manuel C. da Silva	250 »

Dickens e a Religião

(Continuação da página 7)

princípios de Calvino e de Lutero (os quais, embora esclarecidos, eram infelizmente estrangeiros). Estava Dickens persuadido de que a Reforma representava regresso à pureza da Igreja primitiva e que a posição anglicana harmonizava completamente com as exigências do Novo Testamento. Aspirava acima de tudo a "New Testament Christianity", que acreditava encontrar nas camadas centrais do anglicanismo e esforçava-se por encarnar na vida. Tal é a concepção do Cristianismo a que obedece a obra de Dickens.

Segundo Chesterton, a arte de Dickens a todas sobressaia por ser a arte de «enjoying everybody». A essência desta arte encontrámo-la no exagero dickensiano, o qual, como ainda observa Chesterton, é fruto de génio. "Let us stop the next man we meet in the street and exaggerate him; we shall soon find it is a thing that only poets can do". Tais exageros, porém, nunca degeneram em caricatura. Representam profunda necessidade psicológica de quem possuía excepcional sentido do ridículo — ou melhor, de *humour*. Dickens tinha que se divertir com todos e através de todos; nem era apenas em pessoa que buscava divertimento, senão também em coisas — sobretudo de categoria "solene" como um bom enterro. Andaria, porém, longe da verdade quem quisesse ver nisto prazer perante a desdita alheia.

(Continua)



DEPOIS de termos falado nos "cantos de patrulha" e da organização da biblioteca poderemos começar a pensar em seguir uma pista. Para isso, há sinais convencionais que se devem indicar a todos os elementos para que numa das próximas saídas ao campo, estes possam já seguir um caminho previamente traçado, guiando-se pelos sinais que um dos chefes irá marcando por esse caminho e que os rapazes desconhecem.

Por meio de giz (para riscar em pedra) ou com um pauzito seco (para marcar na terra) ou ainda por meio de pedaços pequenos de lã, ou pequeninos pedaços de papel colorido (confetti) podem organizar-se pistas com êxito, tendo sempre em atenção marcar os sinais do lado da marcha, que presentemente é a esquerda (para os pés).

Os sinais principais são conhecidos, mas podem adaptar-se outros às circunstâncias de cada Grupo e para facilitar o completo conhecimento deste interessante jogo.

Não compete ao Guia de patrulha marcar a pista, mas somente conduzir a patrulha e verificar que todos tomam parte na busca. Para isso deve ser o último da sua patrulha a sair, indo sempre em último lugar até ao local previamente fixado e onde se possam fazer outros jogos e actividades próprias.

No regresso pode-se ensaiar o passo de escuta: Consiste em dar 20 passos normais e 20 passos a correr, novamente 20 passos normais e 20 em acelerado e assim sucessivamente caminhando e correndo alternadamente.

Este passo tem a vantagem especial de permitir percorrer grandes distâncias sem demasiada fadiga.

Saudações

Como já dissemos no número anterior, as saudações terão de ser bem ensinadas, não só no que se refere aos três dedos, como a quem competem e como se fazem quando se têm as mãos ocupadas. O Guia já pode assumir o comando da sua patrulha e exercitar os seus membros, dando ele próprio as vozes, até que todos as executem correctamente.

Por JAIME FERREIRA

Ensine-se a fazer a saudação à *Bandeira Nacional*, a hasteá-la e a desfraldá-la, diga-se qual a sua composição e significado.

Formações

É num sector importante da vida escutista e para tal tem de se ensinar a todos os escutas a saberem-se deslocar com apuro e boa ordem. Todas as ordens devem ser dadas com firmeza sem berrar.

Assim, ensine-se a formação de sentido, à vontade, direita volver, esquerda volver, um passo à esquerda, um passo à direita, um passo em frente, um passo à retaguarda e destroçar. Os escutas devem habituar-se a estas vozes, sem necessariamente se sentirem militares.

NÓS - Utilização e emprego

Ninguém desconhece o que vale uma corda. Porém, para muitos nada de útil, além de servir para fazer um embrulho, se pode fazer com uma corda.

Os escuteiros sabem o valor que tem uma corda desde que saibam servir-se dela. Para isso há NÓS que servem para vários fins e cujos nomes se vão habituando a ouvir e a executar.

O nó direito, de encurtar, de cabeça de cotovia, de correr, de volta redonda, de barqueiro, de pedreiro, etc.

Estes nós e outros devem ser ensinados lentamente. Um ou dois em cada reunião, para se repetirem sempre até ficarem todos bem sabidos. É normal haverem elementos que aprendem mais depressa que outros. Para isso, fazem-se jogos com nós até se apurarem os mais vagarosos e então a esses voltam a repetir-se-lhe os conhecimentos que lhes faltam. Para os primeiros faça-se exactamente o mesmo e verificar-se-á que se chega a conclusões interessantes. Lembram aqueles que comem o jantar sem o mastigar. Não lhes leva muito tempo, mas também de nada lhes serve porque não o digerem.

Deve dizer-se aos rapazes para não terem pressa de chegar ao fim. O que importa é fazer tudo bem feito.

CAMPANHA DO PENTECOSTES

COMO REALIZÁ-LA

COM a realização da Campanha do Pentecostes em todas as Paróquias da Arquidiocese, pretende-se:

— Dar a conhecer o que é e para que é a Acção Católica.

— Promover uma cruzada de orações pela Acção Católica.

— Recolher donativos para auxiliar a Acção Católica.

O primeiro objectivo, há-de-se atingir:

— Pela acção individual de cada filiado (acção de militante).

— Pela distribuição a *cada lar* da pagela da Campanha.

— Pelas homilias a fazer nas missas dos domingos, dias 10 e 17 de Maio, cujos esquemas vão ser enviados a todos os Párcos dentro de dias.

O segundo objectivo, atingir-se-á com:

— A recitação diária e em família da Oração que vai impressa na pagela das Comemorações.

— A novena do Espírito Santo feita em família, após a recitação quotidiana do terço.

O terceiro objectivo, será fruto da doutrinação e da oração referidas e há-de concretizar-se em donativos materiais recolhidos:

— *Nas Cidades e Vilas mais importantes*, através de um peditório feito em todas as Missas que se celebrarem em todas as Igrejas no domingo de Pentecostes e ainda pela acção individual de cada filiado que deve procurar conseguir entre os seus conhecidos, contributo no valor mínimo de 10\$00.

— *Nas outras localidades*, também através de um peditório feito em todas as missas e

ainda dum outro, que não dispensa aquele, feito de porta em porta.

A distribuição das pagelas, das novenas e o peditório de porta em porta, *que deve ser realizado em todas as freguesias*, são trabalhos a realizar pela Comissão Paroquial da Campanha e pelos auxiliares desta escolhidos em cada lugar da paróquia.

Há portanto que *imediatamente* se proceder à escolha destes elementos e a uma reunião para se assentar no modo de proceder.

Nas freguesias onde há Secções da A. C. serão os filiados destas que se devem constituir em comissão paroquial e de lugares, podendo, quando não bastem ou convenha, agregar a si outros elementos.

Nas Cidades e Vilas, o Clero que nelas trabalha e os dirigentes das diversas Secções da A. C. nelas existentes, devem reunir rapidamente para se estudar o modo prático de realizar a campanha de modo a que a todas as casas chegue a pagela e a novena e de que em todas as missas seja feito o peditório.

A convocação dessa reunião é da competência do Rev. Arcipreste quando resida na Cidade ou na Vila e do Pároco da Igreja Matriz, nos outros casos.

O produto do peditório do Pentecostes em cada paróquia, deverá ser entregue ao Mui Rev.^{mo} Arcipreste de cada Arciprestado juntamente com um pequeno relato de como decorreu a campanha em cada paróquia.

Todos os donativos devem ser entregues até ao dia 30 de Maio.

Braga, 29 de Abril de 1959.

A Junta Arquidiocesana da
Acção Católica Portuguesa

A LEI — PRINCÍPIOS — PROMESSA

Durante as reuniões é conveniente destinar algum tempo, para explicar cada um dos artigos da Lei, depois dos escutas os saibem de cor. Pode-se assim demonstrar como a Lei está perfeitamente bem elaborada e se integra absolutamente na vida do rapaz e lhe permite ter um ponto de apoio para se defender dos perigos que a "vida" social lhe apresenta.

O mesmo sucede com os Princípios e com os artigos da "Promessa" que em breve ele vai fazer.

No próximo número iniciaremos uma sucinta explicação dos primeiros socorros, que todo o escuta deve conhecer para sua defesa e ainda para ser útil ao seu semelhante.

(Continua)

As Malhas



são usadas em Portugal pelas Senhoras de bom gosto.

Aniversários

Secção dirigida por Carlos Quinta e Costa

Fizeram anos no mês de ABRIL, os nossos seguintes companheiros:

- DIA 1 — Ana Ferreira Pedras e António Alvaro G. Terroso.
 DIA 2 — João Dias de Figueiredo.
 DIA 3 — Licínio Valdemar C. Ferra Esteves, Ana Lopes de Sousa, Palmira da Silva Barros e Maria José B. Nascimento.
 DIA 4 — Perpétua Fernandes de Campos, Aparício Miranda Pereira e Maria Cândida S. Gonçalves.
 DIA 5 — Maria Celeste P. Lopes Anjo e Rodrigo Martins Garrido.
 DIA 6 — Rosa de Carvalho Fernandes.
 DIA 7 — José Pires Bigote e Rosa Lopes Vilas Boas.
 DIA 8 — Ermelinda Ferreira Cardoso.
 DIA 9 — Rogério Alberto Pereira Esteves e Maria da Conceição C. Lopes.
 DIA 10 — Maria Antónia dos Santos Pereira, Manuel Cândido Cunha Figueiredo, Júlia Augusta Paixão, Maria Fernandes Perestrelo e Arminda Ferreira de Carvalho.
 DIA 11 — António Maria Veríssimo e Maria José Miranda.
 DIA 12 — Maria da Conceição C. Costa e Domingos Augusto F. Dantas.
 DIA 13 — José Teixeira Vilas Boas, Margarida Alda Casanova, Filomena da Glória C. Calheiros e António Oliveira da Silva.
 DIA 14 — Alvaro Terroso, Maria do Céu M. Vieira, Maria Augusta de S. Dias, Laura de Oliveira Dias e Iria da Glória T. dos Santos.
 DIA 15 — Maria do Carmo Areias.
 DIA 16 — Maria do Carmo R. dos Santos.
 DIA 18 — Eva Augusta Dias Pimenta.
 DIA 19 — Carolina Fernandes Coelho.
 DIA 20 — Carlos Gonçalves Pereira e Maria Luísa Teixeira de Miranda.
 DIA 24 — Carolina Alice C. Gomes, Teotónio Marinho de Lima, Teotónio Lemos R. da Silva.
 DIA 25 — Maria Lucília Vieira Dias e Rosa Marques Salgado.
 DIA 26 — José da Silva Freitas, Maria Satalina S. A. da Costa e Aurora de Magalhães Leite.
 DIA 27 — Catarina de Jesus Freitas, Maria do Carmo Martins Gomes e Manuel Fache da Costa.
 DIA 28 — Manuel Martins Pires Lavado.
 DIA 29 — Maria Helena Gonçalves da Silva e Eduardo Ribeiro de Sousa.
 DIA 30 — Maria Manuela Duarte Vieira e Valdemar Rodrigo Lopes Machado.

Fazem anos no corrente mês, os nossos seguintes companheiros:

- DIA 1 — Maria da Glória Martins, Maria Augusta da Silva Ferreira e Deolinda Gomes da S. Fernandes.
 DIA 2 — José Joaquim Moreira Dias e Maria Manuela Fernandes de Castro.
 DIA 3 — Maria Augusta Aranes da Silva e Maria Aida Torres Gomes.
 DIA 4 — Domingos do Vale, Ana Mendes da Costa Borges, José Ferreira Peixoto de Carvalho e Maria Júlia Sequeira de Miranda.
 DIA 6 — Manuel Quintela de Freitas.
 DIA 8 — Rosa Gomes Ferreira e Eduardo Fernando M. Figueiredo.
 DIA 10 — Diamantina Neiva Pereira, Maria Isabel Martins B. Mesquita, Conceição Pereira, Maria Zélia Figueiredo Pereira e Maria da Assunção Gomes Ferreira.
 DIA 11 — Henrique José de S. Calheiros da Silva e Arminda de Azevedo Gomes.
 DIA 12 — Joaquina Vieira Alves, Maria Deolinda M. Gonçalves, Maria da Conceição F. de Carvalho e Rosa de Jesus Cardoso.
 DIA 13 — Manuel Miranda, Maria Lopes Martins e Beatriz Augusta da Silva Portela.
 DIA 14 — Maria Amélia Rodrigues da Silva.
 DIA 15 — Adrião de Jesus C. Martins.
 DIA 16 — Maria Teresa Gomes de Sousa, Cezília Gonçalves de Brito e Maria da Conceição Oliveira Lopes.
 DIA 18 — Maria Odete Miranda Alves e Alberto de Castro Pinto.
 DIA 20 — Maria Alice Rodrigues Vilas Boas, Maria Beatriz de J. Gomes Ferreira e Fernando Teixeira Veríssimo.
 DIA 21 — Maria de Lourdes Alves Simões e Maria Júlia de Oliveira Alves.
 DIA 22 — Joaquim Faria de Oliveira.
 DIA 24 — Manuel da Silva Pereira, Maria da Glória Fernandes Lopes e António de Jesus Lourenço Ramos.
 DIA 25 — Maria do Carmo C. Vilas Boas, Maria da Glória da Silva Gomes, Manuel Ferreira e Maria Angela Faria Dantas.
 DIA 26 — Josefa Oliveira da Rocha, Amílcar Simões Carvalho, Maria Helena da Silva Martins, Manuel Casimiro P. Figueiredo e Maria do Sameiro Gomes Rodrigues.
 DIA 27 — Maria da Silva Andrade, Maria da Conceição Machado Ribeiro e José Gomes de Barroso Mesquita.
 DIA 29 — Ana Madalena de Jesus, Maria Manuela Fernandes

DICKENS E A RELIGIÃO

NUM canto sossegado de Oxford, à sombra de dois colégios, fica a igreja anglicana de St. Peter-in-the-East. Pequena, mas de linhas nobres, não a eclipsam os edificios deslumbrantes da vizinhança. Construída séculos antes da Reforma, arrancou-a esta ao culto, que lhe dera origem, e alheia ao qual até hoje se tem mantido. Contudo, a religião da mocidade não se esconde. Proclama-a cada pedra; e a velha igreja parece aguardar a partida de hóspede indesejado.

A mescla de católico e de protestante, que se respira em St. Peter-in-the-East, reflete o próprio anglicanismo. O génio inglês para compromissos criou religião híbrida, com raízes em Roma e Genebra. Mais afim ao calvinismo que ao luteranismo, a teologia anglicana reúne elementos dum e doutro, ao mesmo tempo que retém características católicas. Derivada em grande parte dos Padres da Igreja, aproxima-se em certos pontos do catolicismo, precisamente onde dele se aparta o protestantismo continental. À ênfase anglicana na tradição patrística, corresponde a importância que nela tem o altar, em contradistincção com o púlpito, eixo de outras igrejas protestantes. Por sua vez, o conceito de misericórdia divina, que é fundamental na religião anglicana, faz dique a correntes calvinistas, os quais dimanam sem repressão apenas entre partidários da «Baixa Igreja».

St. Peter-in-the-East, porém, orgulha-se de ser «alta», tanto na interpretação do Prayer Book, quanto em pormenores de culto. Puritanos classificariam de «Romish» algumas tendências desta igreja, em que clero e coro — as cantoras também de sobrepeliz — fazem reverência solene ao Crucifixo. Aqui a Reforma parece olhar saudosamente para trás: para passado longínquo, quando por ventura Lancelot of the Lake e Elaine of Astolat vinham rezar em St. Peter-in-the-East. Teria sido deste santo lugar que foi levado em derradeira viagem fluvial o corpo da infeliz Elaine? Elemento indefinível da igreja evoca o encanto cristianíssimo da Távola Redonda, da fé que

a criou e a gravou para sempre na alma inglesa; da fé que ainda paira sobre estes veneráveis precintos.. No entanto, é inegável que a heresia neles se entrincheirou. Digam os puritanos o que quizerem, entre St. Peter-in-the-East e Roma, abriu-se fenda larga, que está ainda por fechar. Bate neste corpo católico coração protestante: tão protestante como o de Charles Dickens, cuja presença também aqui sentimos, ao lado de cavaleiros doutro. St. Peter-in-the-East parece saída de páginas dickensianas — mais por motivos de ambiente que de doutrina, visto Dickens nada ter de «high». Mas representa o tipo de igreja que ele, por via de regra, metia nos livros, reunindo antiguidade, estilo puro, pequenas dimensões, vizinhança amena, paz profunda e «awe». Quicá «the shade of Agnes sometimes hovers» num canto do velho templo. «I believe it none the less because that nook is in a Church, and she was weak and erring». Seria este o púlpito que o pequeno Copperfield achava a «a good place to play in, and what a castle it would make, with another boy coming up the stairs to attack it»? Seria por esta nave que, anos passados, ele levou Dora «produdly and lovingly upon my arm, through a mist of half-seen people»? Foi sem dúvida perante altar como este, que Dickens, «turned of eighteen», afirmou em êxtase: «Let the blessed event, Angelica, occur at no altar but this». E o «curate», esse clérigo fascinante, que rezava em voz sepulcral e de mão «applied to his left cheek», de que resultou ficarem «melancholy with religion» metade das donzellas da freguesia) — onde poderemos encontrá-lo senão em St. Peter-in-the-East?

Conhecem-se os homens pelos frutos; e os livros de Dickens só pena cristã os poderia ter criado. Dimanaram do coração, que batia por Deus e pelos homens. Protestante até à medula, Dickens situava-se na vaga zona anglicana entre «Low Church» e «High Church», espécie de limbo teológico de fronteiras mal definidas, mas seguro de si e profundamente orgulhoso da Reforma — sobretudo da maneira como ela foi interpretada em Inglaterra. Importava ser protestante; mas protestante à inglesa, preservando alguma coisa da estrutura e até da doutrina católica em que radicam as instituições pátrias. Dava-se, porém, primazia aos

da Silva e Maria Adelaide Ferreira Araújo.

DIA 30 — Ludovina Calheiros.

DIA 31 — Rosa Irene Martins de Sá e Maria do Carmo Ferreira Lopes.

A todos, os nossos parabéns.

(Continua na página 5)

EVOCAÇÃO DA FIGURA E ÉPOCA

DE
ALMEIDA GARRETT

(PEÇA INFANTIL)

Por D. MARIA LÚCIA DE AZEVEDO MIRANDA BAPTISTA

(Diante da estátua de Almeida Garrett algumas crianças paradas discutem).

LUÍS

Mas tu não sabes de quem é essa estátua?

MARIA JOSÉ

Sei! Ouvi dizer que era de Almeida Garrett e disseram-me também que era inaugurada agora porque, este ano, se celebra o seu centenário.

Mas para te falar com verdade nada mais sei deste homem de quem falas com tanta admiração.

LUÍS

Pois bem! Vou contar-te o que sei sobre esta figura tão notável de Português.

Almeida Garrett nasceu aqui no Porto e em Coimbra estudou, formando-se em Direito.

De alma aberta às ideias novas que agitavam o País, em breve, teve de se exilar da sua querida Pátria, por causa das lutas partidárias.

MARIA JOSÉ

Para que terras foi?

LUÍS

Esteve em França e na Inglaterra e por lá passou meses e anos consumido pelas saudades de Portugal.

MARIA JOSÉ

Mas conta lá quem foi esse Almeida Garrett. Um poeta?

LUÍS

Sim, um poeta e um dos maiores poetas portugueses.

MARIA JOSÉ

Passou então a vida a escrever?

LUÍS

Realmente são numerosas as suas obras e variados os géneros que cultivou, mas os assuntos veio sempre buscá-los à História de Portugal.

MARIA JOSÉ

Então além de versos que mais escreveu ele? Conta lá. Já agora fica completa a lição.

LUÍS

Escreveu notáveis dramas, cabendo-lhe a glória de ser o grande reformador do nosso teatro, e escreveu também romances.

MARIA JOSÉ

Pelo que dizes Almeida Garrett merece bem a admiração de todos os portugueses e agora compreendo como é justa a celebração festiva do seu centenário.

LUÍS

Sim, Maria José, pois nem só nos campos de batalha se notabilizam os homens. São bem dignos do nosso apreço aqueles que pela sua inteligência ou pelo seu trabalho servem a Pátria.

E agora para remate desta conversa vamos reviver um serão encantador em que se entretinham os contemporâneos deste ilustre Português.

(Muda a cena)

OUVE-SE ENTRE CENAS — Nos princípios do século XIX ainda nos salões nobres de Lisboa se reuniam, em serões animados, os fidalgos portugueses de costumes austeros e tradições puras.

Conversava-se com prazer sobre literatura, arte e política; discutiam-se as ideias novas que andavam revoltas pelos ares e temia-se o rumo que elas viriam a dar à vida.

Entremos num desses salões onde as senhoras idosas vigiam discretamente a gente moça.

SERÃO

CONDE

Senhora Marquesa, ouvistes vós falar dos versos desse novo poeta que as lutas partidárias levaram para tão longe da nossa Pátria?

MARQUESA

Falais de Almeida Garrett? Oh! Parece-me bem que o seu nome já a ninguém é estranho e, pena é, que os ódios e rancores das revoluções civis o tenham feito partir para tão distante de nós.

CONDE

Dizeis bem, Senhora Marquesa, mas reparai como, mesmo de longe, os seus versos inundam Portugal, tal é o entusiasmo pela obra desse moço que promete gravar, em letras de oiro, o seu nome na História.

MARQUESA

Praza a Deus porém que a Paz, em breve, o traga ao País que ele tanto ama, como se vê nas poesias que tenho lido.

CONDE

Senhora, conheceis Vós, já este livro que há pouco ainda recebi? Chama-se ele « Folhas Caidas » e tem passagens que eu me não canso de ler.

MARQUÊS

Se vos não desagradasse eu teria grande prazer em ouvir alguns versos. Muito aprecio também Almeida Garrett.

MARQUESA

Pelo contrário, todos gostamos certamente de os ouvir. Por favor, Senhor Conde, fazei-nos a mercê de os lerdes, com todo aquele vosso sentir de poeta... Todos sabemos que o sois também!...

CONDE

Então, escutai.

(Recita-se a « Barca Bela »)

JOVEM

Realmente são belos esses versos, mas olhai que outros sei eu, embora mais simples, mas que acho muito lindos também.

CONDE

Dizei-os, por favor, Senhor! Porque nenhum de nós se sentiria enfadado ainda que estivesse a noite inteira a escutar essa variada coleção de poesias que todos os dias aparecem.

JOVEM

Pois bem, ouvi e perdoai apenas a minha falta de jeito para os dizer como eles merecem.

(Recita-se « As Minhas Asas »)

MARQUESA

Estou encantada com este serão. Há muito que não tinha o prazer de ouvir poesias que tanto me enternecessem.

CONDE

E eu igualmente. Porém talvez a gente moça aprecie agora alguma coisa mais que lhes complete o romantismo desta noite.

MARQUÊS

Tendes razão, Senhor. Nada de certo, como uma bonita dança, dirá tão bem para final deste verdadeiro sarau de arte.

MARQUESA

A música e a poesia embalam as nossas almas em sonhos lindos — os velhos vão revivendo o passado em ternura e saudade; os novos vão suspirando pelo futuro cheios de belas e puras ilusões.

JOVEM

Se permitis então, senhores, agora é a nossa vez.

« Dança-se uma gavotte »